

Criticismos Lógicos do Criticismo Textual

Gordon H. Clark's *Logical Criticisms of Textual Criticism* (The Trinity Foundation, 1990).

por W. Gary Crampton, Th.D.



Dr. Gordon H. Clark [1902 - 1985]
Foto tirada em 1945

Na Confissão de Fé de Westminster (I:8), lemos: “O Velho Testamento em Hebraico (que era a língua nativa do antigo povo de Deus) e o Novo Testamento em Grego (a língua mais geralmente conhecida entre as nações no tempo em que ele foi escrito), sendo inspirados imediatamente por Deus e pelo seu singular cuidado e providência conservados puros em todos os séculos, são por isso autênticos”.

De acordo com os teólogos de Westminster, somente os manuscritos bíblicos originais (o *autographa*) foram “inspirados imediatamente por Deus”. As cópias que possuímos hoje devem ser consideradas “autênticas”, mas no sentido estrito, somente o *autographa* pode ser dito ser a Palavra de Deus infalível e inerrante.

O problema é que nenhum desses manuscritos originais ainda existe. O que temos são cópias de cópias (*apographa*). Mas, como Gordon Clark aponta em seu livro *Logical Criticisms of Textual Criticism*,¹ embora seja verdade que não possuamos o codex autográfico (isto é, o documento físico), é uma *non sequitur*² assumir que não temos o texto autográfico (isto é, as palavras). As cópias boas que temos, como um todo, pode e na verdade retém o último sem o primeiro.

O Cristianismo Ortodoxo não faz nenhuma afirmação de que nenhum erro tenha se infiltrado nos textos das cópias. Deus nunca reivindica ter inspirado tradutores e copistas (embora ele tenha prometido guardar sua Palavra pura por todas as eras; confira Isaías 40:8). Enquanto enganos no *autographa* atribuiria erro à Deus, defeitos nas cópias individuais atribuem erro somente aos copistas. Somente os autores originais foram inspirados por Deus para escrever sem erro (veja 2 Pedro 1:20,21; 2 Samuel 23:2; Jeremias 1:9). E as cópias individuais devem ser consideradas a Palavra de Deus inspirada somente até onde elas reflitam a Palavra original. Isso é o mesmo que dizer, escreve Clark, “que ninguém deveria sustentar que a versão King James [ou qualquer outra versão particular] é o autógrafo infalível” (37).

Diferentemente do texto autográfico, as cópias não são livres de erro. O ramo de estudo conhecimento como “crítico textual” realiza a cuidadosa comparação e avaliação das cópias para determinar os manuscritos originais. Como alguém poderia imaginar, diz Clark, o crítico textual “é uma procedimento muito difícil e delicado”, embora ele seja uma tarefa “legítima e necessária” (9,22).

¹ Gordon H. Clark, *Logical Criticisms of Textual Criticism* (The Trinity Foundation, 1986). A paginação usada no corpo dessa resenha é do livro de Clark.

² Nota do tradutor: Diga /non sécuitor/. Esta expressão latina significa, literalmente, “não se segue”; nela podemos facilmente perceber a presença do verbo sequo, avô de tantas palavras no Português: seqüência, seqüela, seqüito (ou séquito), sequaz, entre outras. Na Lógica, de onde ela proveio, designa um grupo de argumentos defeituosos (é uma falácia, portanto) em que as inferências ou conclusões não resultam logicamente das premissas apresentadas. É, portanto, uma expressão de crítica, de reprovação ao raciocínio de alguém, e não se espante se a pessoa acusada de cometer non sequiturs ficar infeliz (ou furibunda!) com o comentário.

Até onde diz respeito ao Antigo Testamento, há pouca ou nenhuma discórdia. A controvérsia real diz respeito ao Novo Testamento. Mas isso realmente não deveria ser assim. Há aproximadamente 500 manuscritos ainda existentes do Novo Testamento, bem como numerosas traduções da igreja primitiva. Também, há mais de 2000 lecionários da igreja que são baseados em porções do Novo Testamento, e cerca de 85 papiros que contém fragmentos dos textos do Novo Testamento. Pode ser dito, com quase nenhuma dúvida, que não há nenhum pedaço de literatura em toda antiguidade que seja tão bem validado como o Novo Testamento (9-11,49).

Esse é o porquê a Confissão de Fé de Westminster, como citado acima, propriamente distingue entre o *autographa* e o *apographa*, declarando que somente os originais foram “inspirados imediatamente por Deus”. Mas então a Confissão continua e diz que as cópias dos livros da Bíblia que possuímos têm “pelo seu singular cuidado e providência [sido] conservados puros em todos os séculos, [e] são por isso autênticos”.

O que está sendo ensinado aqui é que, embora nenhuma cópia particular seja sem erro, todavia, devido ao cuidado providencial de Deus sobre a transmissão de sua Palavra, o texto genuíno tem sido “guardado puro” nas multidões de cópias. A doutrina da inerrância, então, se aplica no sentido estrito somente à *autographa*. Mas ela também se aplica num sentido derivado à *apographa*, pois temos a *autographa* dentro da *apographa*.

Não deveria nos surpreender que Deus tem guardado sua Palavra pura durante todas as eras, ou que as cópias dos dias atuais que possuímos são, dessa forma, acuradas. A própria Bíblia afirma a perpetuidade da Palavra de Deus. O Salmo 119 (versículos 89, 152, 160), por exemplo, declara que a Palavra foi estabelecida para sempre; ela é a verdade eterna que não murcha. Isaías 40:8 declara que “a Palavra do nosso Deus permanece para sempre”. Então também, Jesus reivindica que: “Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido” (Mateus 5:18).

A questão se levanta: como sabemos qual tradução é a mais acurada? Como observado acima, a controvérsia aqui não é sobre o Antigo, mas sobre o Novo Testamento. Apenas no último século houve inúmeras traduções novas (por exemplo, ASV, RSV, NASV, NIV, NKJV). E todas essas, exceto a NKJV (Nova Versão King James), foram baseadas num texto grego, conhecido como o Texto Alexandrino, que difere daquele grego que foi base da Versão King James, conhecido como o Texto Recebido, em aproximadamente 5000 aspectos (9-12).

As novas traduções recorrem expressivamente a uma minoria de manuscritos gregos primitivos que foram descobertos no Egito, no final do século dezenove e princípio do século vinte. B.F. Westcott e F.J.A. Hort promulgaram a teoria de que esses documentos devem ser favorecidos, primariamente devido à sua maior idade. E, todavia, mesmo entre esses poucos manuscritos, há diversas diferenças.

A teoria Westcott-Hort mantém que a grande maioria dos manuscritos gregos (entre 80 e 90 por cento), representados pelo Texto Recebido, que, diferentemente do Texto Alexandrino, estão em concordância substancial, passaram por um processo de edição radical no quarto século; portanto, eles não são confiáveis. Outros estudos têm mostrado que esse não é o caso. Na verdade, há evidência para mostrar que os manuscritos Alexandrinos foram os únicos alterados, e essas mudanças deliberadas são a razão pela qual os documentos são tão dissimilares.³

Outro grupo de estudiosos do Novo Testamento, com o qual Gordon Clark está de acordo (9-12), afirma que os manuscritos que são a maioria devem ser preferidos, e não aqueles que são mais velhos. Isso é referido como a teoria do Texto Majoritário, e do Texto Bizantino ou do Texto Tradicional. O Texto Recebido pertence aos manuscritos do Texto Majoritário, mas não é perfeitamente idêntico a ele.

De acordo com a teoria de Westcott-Hort, os manuscritos devem ser pesados, não contados. Depois de tudo, alega-se, todos os manuscritos do Texto Majoritário vieram de uma família correlata. Por conseguinte, diz Westcott-Hort, “o número é menos importante do que o peso” (15). De acordo com a teoria do Texto Tradicional, por outro lado, a maior quantidade de anos está longe de ser tão importante quanto a maior quantidade de manuscritos. Primeiro, o fato de um texto ser mais velho do que o outro não implica de forma alguma que ele seja superior. O próprio texto mais antigo pode ser errôneo. Também, o peso da evidência textual agora revela que os manuscritos do Texto Majoritário pertencem pelo menos ao tempo dos textos mais antigos (13-16).

Segundo, se vários manuscritos similares têm um único ancestral, como é alegado ser o caso do Texto Majoritário, isso não necessariamente significa que o maior número carregue menor peso. Mui provavelmente implica que os copistas da época criam que o texto ancestral era o mais fiel ao original. Os manuscritos que são poucos em número foram com toda probabilidade rejeitados pelos copistas; sua escassez indica sua natureza corrompida (13-16). O Dr. Clark corretamente afirma que o fato do “número dos manuscritos do texto base para a Versão King James exceder em muito todos os outros textos combinados... parece ser conclusivo para o Texto Bizantino” (15).

Terceiro, a igreja usou o Texto Majoritário por aproximadamente 1000 anos antes da Reforma. As igrejas da Reforma usaram o mesmo texto por outros 350 anos (e algumas continuam a usá-lo). Se os estudiosos que têm seguido a teoria de Westcott-Hort estão corretos, então a igreja, em muitos casos, tem estado sem a Palavra de Deus por aproximadamente 1500 anos (v). Isso não indica que o texto no Novo Testamento tem sido pelo “seu [de Deus]

³ Veja Wilbur N. Pickering, *The Identity of the New Testament Text* (Nashville: Thomas Nelson, 1977), 58-62, 107-110.

singular cuidado e providência [sido] conservados puros em todos os séculos”.

O que estamos discutindo aqui não é de pequena importância. Estamos tratando com a Palavra do próprio Deus. Não é suficiente que as traduções sejam acuradas; o texto grego base para as traduções também deve ser acurado. Como Gordon Clark conclui: “o tipo de criticismo implícito na *Revised Standard Version*, na *New American Standard* e em outras versões é inconsistente... Seu método é aquele de especulação estética não substanciada. Se queremos chegar mais perto das próprias palavras de Deus, devemos prestar atenção à [teoria do Texto Majoritário da Versão King James e da] Nova Versão King James” (49).

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto

felipe@monergismo.com

Cuiabá-MT, 11 de Setembro de 2005